

Passos e Passados: velhices, artes cênicas e Tecnologias Assistivas para a criação de novos futuros

Steps and Past: old age, performing arts and Assistive Technologies for creating new futures

Raquel K. Cirne¹

<https://orcid.org/0009-0000-6134-4649>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil

E-mail: info@raquelcirne.com

Letícia Sophia Rocha Machado²

<https://orcid.org/0000-0003-4102-2225>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil

E-mail: leticiamachado@gmail.com

1 Mãe, artista, tradutora, professora e escritora. Mestranda em Artes Cênicas/UFRGS, pós-graduada em Educação e Patrimônio Histórico (Uniritter-FAPA) e em Tradução de Espanhol (Estácio), licenciada em História (Uniritter-FAPA) e em Teatro (Ítalo-brasileiro). Autora da coleção *Tradução em Cena*, publicada pela Tacet Books. Professora de tradução teatral e de técnicas teatrais aplicadas.

2 Professora na Faculdade de Educação da UFRGS e coordenadora da Unidade de Inclusão Digital de Idosos (UNIDI-UFRGS). Pós-doutora em Informática na Educação (UFRGS), doutora em Informática na Educação (UFRGS), doutora em Educação (UFRGS), mestre em Gerontologia Biomédica (PUC-RS), graduada em Pedagogia Multimeios e Informática Educativa (PUC-RS).

Resumo: O objetivo deste estudo foi analisar narrativas de pessoas idosas sobre suas vivências nas artes cênicas, relacionando-as com a ampliação do potencial inclusivo proporcionado pelas Tecnologias Assistivas. Nesta pesquisa, as pessoas 60+ serão abordadas no papel de bailarinas-atrizes em espaços cênicos, pensando-se a adaptação da estrutura e metodologias das TA para atender suas demandas. A metodologia teve uma abordagem qualitativa mediante a qual foram entrevistadas quatro idosas com idade média de 66 anos. O instrumento de pesquisa utilizado foi uma entrevista semiestruturada, tendo como premissa as narrativas das idosas nos grupos de dança em que atuam. Além disso, para a análise de conteúdo, usaram-se os passos de Bardin (2011), permitindo uma compreensão sobre as preocupações das entrevistadas. Os resultados mostram que a participação nestes grupos de dança traz benefícios sobre a valorização e autovalorização das integrantes como produtoras das suas vidas. Na perspectiva das Tecnologias Assistivas (TA), observou-se que há visível falta de infraestrutura que poderia apoiar as expressões artísticas das pessoas 60+ e que são desconsideradas. Além disso, também foi possível observar em ambas as narrativas a importância de se pensar em metodologias adaptadas aos usuários dos espaços cênicos, sejam como público ou artistas, o que abrange também as TA como primordiais nesse processo. Para finalizar, observa-se que as iniciativas artísticas são cada vez mais oportunizadas às pessoas idosas, enriquecendo os processos de envelhecimento ao possibilitar o exercício da subjetividade, sendo necessárias para a mudança de paradigma em diferentes áreas como Educação, Artes Cênicas, Gerontologia, entre outras, destacando-se a necessidade de rearticular os espaços físicos para que possam tornar tais práticas mais efetivas e inclusivas.

Palavras-chave: Artes Cênicas. Acessibilidade. Pessoas idosas. Tecnologias Assistivas.

Abstract: The objective of this study was to analyze narratives from older adults about their experiences in the Performing Arts, linking them to the expansion of inclusive potential provided by Assistive Technologies. In this research, individuals aged 60 and over will be approached in their role as dancer-actors in performance spaces, considering the adaptation of the structure and methodologies of Assistive Technologies (AT) to meet their needs. The methodology adopted a qualitative approach, through which four older women with an average age of 66 were interviewed. The research instrument used was a semi-structured interview, based on the narratives of the older women in the dance groups in which they perform. Additionally, for content analysis, the steps outlined by Bardin (2011) were used, allowing for an understanding of the concerns of the interviewees. The results show that participation in these dance groups brings benefits related to the recognition and self-worth of the members as producers of their own lives. From the perspective of Assistive Technologies (AT), it was observed that there is a visible lack of infrastructure that could support the artistic expressions of people aged 60+ and that such needs are often overlooked. Furthermore, both narratives also highlighted the importance of developing methodologies adapted to the users of performance spaces, whether as audience members or artists, which also includes AT as essential in this process. In conclusion, it is noted that artistic initiatives are increasingly being made available to older adults, enriching the aging process by enabling the exercise of subjectivity, and are necessary for paradigm shifts in different areas such as Education, Performing Arts, Gerontology, among others, emphasizing the need to reconfigure physical spaces to make such practices more effective and inclusive.

Keywords: Accessibility. Assistive Technologies. Older Adults. Performing Arts.

Introdução

Na Porto Alegre da década de 1980, João Antônio Cirne, com mais de 60 anos, podia ser considerado uma “ave rara” já que, depois de se aposentar, começou a fazer cursos de teatro, nos quais era praticamente o único de sua idade. Ele tinha carisma, presença marcante, voz forte, beleza física e grande vivacidade, integrando-se muito bem com os demais colegas, todos com uma expressiva diferença etária. No entanto, começou a se destacar ao ponto de se tornar um ator profissional, com sua carteirinha do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do RS, o SATED, devidamente regular, levando-o a trabalhar nas mais diversas modalidades, desde teatro infantil e adulto, curtas e longas metragens, além de incontáveis campanhas publicitárias, chegando até mesmo a uma das emissoras de televisão mais famosas do país. Essa trajetória deu-se em uma época em que não havia redes sociais digitais e ainda menos a valorização da sabedoria que a idade permite construir.

Figura 1 – João Antônio, avô da autora Raquel Cirne, ensaiando a peça *Merlin ou a Terra Deserta*, de Tankred Dorst, com direção de Arines Ibias, em 1986.



Fonte: arquivo pessoal de Raquel Cirne. Autor da foto não identificado.

No entanto, na mesma Porto Alegre de João Antônio, já mais de 40 anos depois, vem ocorrendo um movimento significativo: a ocupação de espaços diversificados pelas pessoas idosas. Atualmente, a realidade mudou, dada a existência de um número cada vez maior de oficinas e círculos de teatro e dança específicos para grupos a partir de 50 ou 60 anos, além de uma procura elevada por este tipo de atividade, apontando para a necessidade de pensar oportunidades mais específicas para esse público.

Assim, nota-se na sociedade uma dinâmica mais abrangente de permanência ativa das pessoas idosas, comprovada através da ampla oferta de produtos e serviços a elas destinados, desde viagens e excursões, passando por cursos de formação e aulas de

ginástica até produtos do dia a dia como sabonetes e xampus específicos. Todas essas transformações refletem-se em mudanças significativas nos estereótipos criados sobre a velhice. A população que envelhece está se tornando visível para além de “ficar em casa fazendo trabalhos manuais”. Não que este tipo de atividade não tenha valor, mas existem outras que podem transcender as concepções “antigas” quanto ao papel da pessoa 60+:

De fato, a modificação da sensibilidade investida sobre a velhice acabou gerando uma profunda inversão dos valores a ela atribuídos: antes entendida como decadência física e invalidez, momento de descanso e quietude no qual imperavam a solidão e o isolamento afetivo, passa a significar o momento de lazer, propício à realização pessoal que ficou incompleta na juventude, à criação de novos hábitos, hobbies e habilidades e ao cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família (Silva, 2008, p. 161, grifo da autora).

Nessa perspectiva, o envelhecimento ativo é um termo que se tornou pauta nas mais diversas ações institucionais, comerciais e familiares, sendo uma das principais qualidades a serem alcançadas pelas pessoas idosas. Adotado pela OMS no final dos anos 90, esse conceito tem como base os Princípios das Nações Unidas para Idosos, quais sejam: independência, participação, dignidade, assistência e autorrealização, deixando de ter um enfoque baseado nas necessidades (não mais considerando as pessoas velhas como receptoras passivas) e passa ter uma abordagem baseada em direitos, fundamentando-se em três pilares centrais: Saúde, Participação e Segurança (WHO, 2005).

Por outro lado, é importante destacar que a premissa do envelhecimento ativo torna-se, muitas vezes, o outro extremo do estereótipo: um molde idealizado e determinado, que leva a supor a existência de uma única possibilidade admissível de envelhecer, em um processo que, preferencialmente, deverá ser retardado ou mesmo travado, com os velozes avanços da medicina antienvelhecimento em uma sociedade que vem procurando tornar o envelhecimento saudável uma responsabilidade individual através da “indústria da perfeição” (Antônio, 2020):

Diante dessa imposição discursiva, o que se coloca é o não encorajamento e o não reconhecimento da experiência singular de cada indivíduo, de maneira que se estabelece uma espécie de padrão prévio de condutas esperadas como forma de se envelhecer corretamente (Barroso, 2021, p. 11).

Essa percepção também não é a mais adequada, uma vez que cria um padrão de envelhecimento, quando o respectivo processo é heterogêneo, individual e biográfico. Tótora (2009) indaga o envelhecer como um momento privilegiado de liberdade, livre de modelos impostos pela sociedade: “Não seria a afirmação da velhice nas suas múltiplas singularidades uma resistência à representação polarizada e oponente e seu padrão majoritário: jovem-saúde versus velho-doente?” (Tótora, 2009, p. 6).

Siqueira e Martins (2019) propõem a desconstrução desses modelos, trazendo a perspectiva do *envelhecimento ativo*: a arte permitiria a reinvenção humana fora das concepções pré-estabelecidas, mediante a participação em atividades que propiciem a livre criação em vez da deliberada prescrição. Assim, a premissa é evitar os formatos definidos externamente sobre o que seria um envelhecimento saudável – que viria acompanhado da alegria, sabedoria, beleza, sorrisos, tranquilidade, muitas atividades, movimento etc., como se “magicamente” o envelhecimento resolvesse todos os problemas vividos até então. João Antônio poderia ser um representante ideal da ideia do envelhecimento ativo, reunindo as qualidades desejadas para uma pessoa de mais idade, inclusive (ou principalmente) em termos de autonomia. Mas, para o idoso que não é feliz, ou que tenha algum tipo de deficiência e continua lúcido, ou que é tímido, entre outras questões não tão aprazíveis, não

haveria lugar nesse envelhecimento com saúde e bem-estar e, principalmente, respeito à sua personalidade, história de vida e realidade física/mental?

O teatro, contemplando os pilares de Participação e Saúde, seria um desses lugares, no qual sentimentos não tão positivos que não desaparecem automaticamente com o envelhecimento, como a tristeza, arrependimentos, decepções, dúvidas, entre outros, além das diferentes realidades estéticas e físicas, podem ser acolhidos e expressados. “Teatro - ou teatralidade - é aquela capacidade ou propriedade humana que permite que o sujeito se observe a si mesmo, em ação, em atividade” (Boal, 1996, p. 27). Percebendo onde está, descobrindo onde está e imaginando para onde pode ir (Boal, 1996), o idoso se constrói como sujeito e não somente sujeitado (Tótor, 2009).

Nesse sentido, a atividade teatral é um espaço para a expressão do envelhecimento autêntico e, nesse sentido, o teatro não acrescentaria qualidade de vida ao idoso, mas sim este sujeito acrescentaria qualidade estética ao teatro:

[...] se deve buscar a estética do fazer artístico, no sentido do poético, do simbólico – porque é esta a dimensão capaz de promover o diálogo profícuo entre a atriz/ator idosa/o e seu público, contribuindo para desmistificar os mitos negativos associados ao envelhecimento e acarretando significativas mudanças sociais, históricas e culturais na velhice, na sociedade e na própria arte dramática (Siqueira e Martins, 2019, p. 162).

Mas, para que o teatro seja um espaço de acolhimento para as narrativas, emoções e expressividade dos idosos, é necessário que alguns aspectos sejam considerados, desde a metodologia de engajamento até a própria infraestrutura que deve ser adaptada para atender as limitações físicas das pessoas 60+. Nesse viés, entram em cena as Tecnologias Assistivas (TA), contemplando o pilar de Segurança, como recursos ou metodologias que adaptam o espaço do teatro para pessoas idosas.

[...] Tecnologia Assistiva é definida como produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que tenham como objetivo promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (Brasil, 2015, p. s/p).

O teatro contemporâneo tem incorporado diversas tecnologias de amplificação sonora especialmente desenvolvidas para atender às necessidades auditivas do público com 60 anos ou mais. Os sistemas de loop de indução magnética (*hearing loops*), por exemplo, permitem que usuários de aparelhos auditivos recebam o som diretamente em seus dispositivos, eliminando ruídos de fundo e reverberações. Além disso, muitos teatros disponibilizam fones de ouvido sem fio com controle individual de volume, permitindo que cada espectador ajuste o som conforme sua necessidade (Sousa, 2023).

O Teatro Municipal de São Paulo, por exemplo, implementou um sistema de áudio-descrição ao vivo com transmissores FM, no qual profissionais narram elementos visuais da peça simultaneamente à apresentação (Figueiredo et al, 2025). Já alguns teatros europeus experimentam tecnologia de “som direcional”, que cria zonas acústicas personalizadas em diferentes áreas da plateia, garantindo que pessoas idosas com diferentes graus de perda auditiva possam desfrutar plenamente do espetáculo. Mas, além das características sonoras, as Tecnologias Assistivas também podem ser utilizadas em outras perspectivas, aprimorando a experiência não apenas do espectador com 60 anos ou mais, mas também para o ator/atriz que na maturidade retomou ou iniciou sua trajetória artística, assim como para pessoas com deficiência de qualquer idade (Pinheiro et al, 2024).

Os dispositivos de amplificação sonora adaptada (como microfones de lapela sem fio) permitem que atores sênior com voz enfraquecida sejam ouvidos claramente pelo público, sem exigir esforço vocal excessivo. Da mesma forma, iluminação cênica ajustável

e contrastante ajuda aqueles com visão reduzida a se orientarem no palco e interagirem com precisão, enquanto pisos antiderrapantes e rampas modulares garantem segurança na movimentação, evitando quedas durante as encenações.

Além disso, ferramentas de suporte à memória e à criatividade têm ganhado espaço, como tablets com scripts digitais interativos (com fonte ampliada, contraste ajustável), que auxiliam na memorização de textos e na organização de cenas. As técnicas de realidade aumentada e projeções mapeadas também são utilizadas para criar ambientes imersivos que estimulam a narrativa e a expressão corporal, permitindo que as pessoas idosas com mobilidade reduzida participem de cenas complexas sem deslocamento físico intenso. Essas tecnologias não apenas facilitam a prática teatral, mas também valorizam a experiência e a história de vida dos sêniores, integrando-as à linguagem cênica de forma inovadora (Pinheiro et al, 2024).

No entanto, para que o desenvolvimento dessas Tecnologias Assistivas e sua integração nos espaços cênicos sejam centrados nas pessoas idosas, é necessário escutar esse público sobre seus desafios e possibilidades, além da realização de testes e ajustes nas TA para adaptá-las de forma mais refinada. Nesse panorama, este artigo teve como objetivo analisar narrativas de pessoas idosas sobre suas vivências nas artes cênicas e os desafios concretos de acessibilidade que encontram, trazendo a perspectiva das Tecnologias Assistivas como recurso inclusivo. Desta forma, a metodologia será então apresentada, seguida dos resultados dos estudos e reflexões sobre as narrativas retratadas, além das considerações finais.

Metodologia

A presente pesquisa teve uma abordagem qualitativa, através da qual busca compreender profundamente os fenômenos sociais a partir da subjetividade, significados e experiências dos participantes. Portanto, diferentemente de métodos quantitativos, que priorizam números e generalizações, a qualitativa valoriza a complexidade humana e o contexto em que os sujeitos estão inseridos. Neste estudo, o foco será sobre as narrativas de quatro mulheres idosas, utilizando suas histórias de vida nos palcos como instrumento central para investigar questões relacionadas às Tecnologias Assistivas nestes espaços destinados primordialmente às artes cênicas.

A coleta de dados deu-se através de uma entrevista com quatro perguntas semiestruturadas, na qual a fonte de análise foram as narrativas das idosas. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, garantindo a fidelidade aos depoimentos. Posteriormente, tais dados foram apagados, mantendo apenas aqueles que se encontram neste artigo. Esse tipo de instrumento permitiu que as idosas expressassem livremente suas trajetórias, memórias, desafios e conquistas, oferecendo um material rico de detalhes para análise. A escolha pela narrativa também se justifica por sua capacidade de revelar processos identitários e construções simbólicas que dados estatísticos não capturam. “Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social” (Porteli, 1997, p. 16).

Para analisar as narrativas, adotou-se a Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin (2011), um método sistemático que permite interpretar mensagens textuais por meio de categorias temáticas.

Resultados e discussão dos dados

Esta seção tem o intuito de apresentar os resultados do estudo, especificamente as narrativas de idosas sobre suas atuações no teatro, além de suas percepções quanto aos

desafios presentes nos palcos das apresentações que realizam. Cabe salientar que as participantes deste estudo autorizaram o uso de seus nomes e imagens no texto.

Viver e reinventar-se na aposentadoria: depoimentos de um grupo de dança-teatro

As entrevistas realizadas com as idosas buscaram compreender como ocorre a relação de atuarem, coordenarem e participarem de grupos de pessoas com 60 anos ou mais que desejam se reinventar na velhice através da prática cênica, uma atividade especialmente acolhedora da diversidade. “Qualquer pessoa pode começar a fazer teatro quando sentir necessidade disso. (...) A alfabetização teatral é necessária porque é uma forma de comunicação muito poderosa e útil nas transformações sociais” (Boal, 1982, p. 17). Através dos depoimentos, buscou-se compreender também a importância e uso de Tecnologias Assistivas que poderiam ajudar no processo, desde a infraestrutura até a criação de metodologias adaptadas às necessidades encontradas pelas pessoas idosas para atuarem.

A primeira entrevistada, Goreti Grossi, de 67 anos, é licenciada em Educação Física e em Teatro, tendo sido professora de Educação Física na rede pública estadual do RS. Aposentou-se em 2019 e, nesse mesmo ano, de forma não planejada, começou a tomar forma o coletivo de dança-teatro “As Guapas”, da qual é diretora e cujas integrantes têm idades compreendidas entre 65 e 84 anos. Grossi sempre desenvolveu projetos relacionando as áreas do teatro e da educação física em seu período de docência. Uma vez aposentada, continuou participando de atividades culturais propostas pelo sindicato ao qual pertence, sendo uma delas um concurso de dança para aposentados, para o qual reuniu algumas outras professoras, também aposentadas, e montou uma performance de dança-teatro sobre o maracatu. Ela destaca o fato de que, ao contrário dos demais grupos participantes, o seu se apresentou com figurinos simples, confeccionados por elas próprias, que cantavam ao vivo e não se encaixavam no mesmo padrão estético observado nos demais grupos, que ela denomina “velho hollywoodiano, aquele velho não velho”. O grupo obteve o primeiro lugar, também conquistado no ano seguinte, quando participaram novamente do concurso e, a partir de então, começaram a desenvolver uma trajetória mais consistente com diversas apresentações em eventos relacionados principalmente às questões do envelhecimento, em diferentes cidades do Rio Grande do Sul/Brasil. Elas se reúnem todas as semanas para ensaiar, momento que também é uma troca de vivências e apoio.

No decorrer do depoimento, Grossi comenta que sempre realizou atividades físicas durante toda a sua vida, e continua desenvolvendo-as. Porém, as demais participantes não apresentam o mesmo vigor, de modo que todas as coreografias são adaptadas às suas condições físicas e mentais, e ressalta: “elas assumem que estão na última fase da vida, e os movimentos são pensados para as suas realidades e para as condições dos seus corpos. Dança quem quer dançar, não quem tenha sido bailarina ou magra”.

Essa observação denota a importância de metodologias adaptadas de ensino, conforme a premissa das Tecnologias Assistivas, apontando que é necessário não apenas considerar a infraestrutura para atender a limitações físicas, mas também outras como cognitivas ou de aprendizagem.

Nesse sentido, Grossi comenta que as coreografias incorporam as dificuldades de memorização das sequências e de localização espacial, sem pretender disfarçá-las. Além das funções de diretora, coreógrafa e ensaiadora, ela atua como uma espécie de “curinga” que, dentro da dança, auxilia durante os eventuais esquecimentos e desorientações nos lugares em que se apresentam, ao serem diferentes da sala com a qual estão acostumadas. O grupo vem se destacando com o distanciamento consciente dos estereótipos idealizados, em termos de uma imagem do envelhecimento que muitas vezes é infantilizada, maquiada ou mesmo rejuvenescida. Para Barroso (2021), essa postura caracteriza, de certa forma, parte de uma geração que

envelhece no início do século XXI, experimenta a possibilidade de vivenciar a terceira idade influenciada por uma série de condicionantes históricos que favorecem um processo de envelhecer marcado por identidades que contestam paradigmas, desnaturalizam imaginários e recriam representações (Barroso, 2021, p. 19).

Além disso, a “guapa” Marly Cambraia, professora aposentada de Biologia, de 66 anos, que trabalha também com reiki e terapias alternativas, ainda salienta que “a participação no grupo de dança depois dos 60 anos é um desafio físico e também de memória para realizar todos os passos das coreografias. Isto é extremamente positivo, levanta o ânimo para continuar em frente. A convivência com os pares da mesma idade nos conforta e dá muita alegria.”

Por outro lado, Grossi ressalta que as questões de acessibilidade física são uma realidade complexa à qual se enfrentam continuamente. O acesso ao palco costuma ser bastante difícil, dado que os degraus ou são muito pequenos, impedindo o apoio completo do pé, ou são muito altos, causando um esforço grande para pernas que se elevam em proporções já bastante reduzidas. Nesse sentido, sempre é necessário haver uma pessoa que as ajude a subir e principalmente descer do palco, o que é ainda mais perigoso. Além disso, o próprio piso do palco costuma ser escorregadio, assim como o dos banheiros/camarins nos quais vestem os figurinos. A revitalização do teatro por meio de novas perspectivas, corpos e histórias é cada vez mais necessária, e as Tecnologias Assistivas integram-se a essa premissa:

“Na maioria das definições, percebe-se que a acessibilidade é sustentada pela busca de igualdade para todos e está intimamente relacionada ao termo de inclusão. Isto é, para que uma pessoa tenha ‘qualidade de acesso’ aos diversos meios (que podem ser escolar, social, digital, cultural) a que está exposta é necessário que ela seja, anteriormente, incluída nesses meios” (Oliveira e Mill, 2016, p. 1171).

Nesse sentido, fica evidente a importância urgente das Tecnologias Assistivas para garantir não apenas a inclusão de novas pessoas, mas também a segurança e autonomia de atores e atrizes profissionais com mais de 60 anos no ambiente teatral. A dificuldade de acesso a palcos com degraus mal dimensionados, pisos escorregadios e a dependência de auxílio humano para subir e descer – situações que elevam o risco de acidentes – destacam a necessidade de intervenções técnicas que transformem esses espaços em ambientes verdadeiramente acessíveis mediante soluções como rampas modulares ajustáveis, pisos antiderrapantes reconfiguráveis, elevadores portáteis de palco e corrimãos, que não apenas eliminam barreiras físicas, mas também devolvem a dignidade e a independência aos artistas, permitindo que se concentrem na expressão cênica, e não nos obstáculos logísticos. Além disso, tais recursos também permitem a inclusão de pessoas com deficiência de qualquer idade.

Dançar, cantar e redescobrir-se nos palcos: depoimentos de idosas multiartistas

Outra idosa entrevistada foi Cláudia Costa, a Cadica, que tem 61 anos. Bailarina, coreógrafa, diretora e escritora, vem desenvolvendo há bastante tempo uma proposta inovadora que é o resultado do seu próprio amadurecimento em mais de 40 anos de cena.

A trajetória de Costa não se destaca apenas em função de seus trabalhos profissionais, que já se tornaram uma referência nas artes cênicas gaúchas, mas o seu caminho pessoal dentro da dança vem passando por uma grande transformação há anos, em consonância com seu próprio processo de envelhecimento. Ela comenta que a mudança começou a ocorrer por volta de 2005, após vários anos de aprimoramento técnico contínuo.

Nessa época, com mais de 40 anos, passou a não se sentir tão bem nos cursos por perceber um ambiente mais competitivo. Estava desanimada, mas um acontecimento casual abriu as portas a um desejo que já vinha crescendo internamente: uma das professoras saíra de sua escola e Costa assumiu a aula de ritmos, destinada a pessoas mais velhas, reencontrando a motivação ao perceber que queria desenvolver um trabalho mais livre e amplo – e com pessoas da sua idade. Assim, começou a unir sua experiência na dança ao conhecimento obtido nos diversos estudos de desenvolvimento humano que vinha realizando por um interesse pessoal. Alguns anos mais tarde, o projeto começava a tomar forma e nascia o “Transfandance”, uma proposta de crescimento individual através do movimento corporal. Ela está cursando a faculdade de Psicologia e vem ampliando sua atuação mais holística através de outras modalidades como “Diverdança” ou “De Tudo um Pouco”, centradas na expressividade lúdica e nos benefícios mentais e emocionais que a dança possa produzir, mais do que na técnica ou precisão.

Voltou a ministrar aulas de flamenco, mas, ao contrário do que fez durante muitos anos, somente para níveis iniciais. A companhia profissional passou a ser dirigida por sua filha mais velha e, embora Costa ainda colabore como consultora e participe de apresentações, está centrada na promoção de vivências através da dança, como workshops em espaços junto à natureza e em seu grupo de dança amador “Alma que Baila”. No ano de 2024, levou pela primeira vez ao palco o espetáculo homônimo no qual apresenta essa nova etapa e do qual participam alunos de todas as idades, mas com nítida predominância das pessoas mais velhas. Ela relata: “a dança não tem idade para começar. Hoje em dia, tenho turmas misturadas de todos os níveis e idades. A maioria dos alunos conhece o meu trabalho atual e me procuram por isso, já vindo com um olhar de inclusão”. O grupo também vem fazendo apresentações regulares em diversos eventos.

Uma de suas alunas, a médica aposentada de 73 anos Marisa Parodi, com nome artístico Maris, além de dançar, vem retomando o sonho artístico muito antigo de cantar, tendo gravado em 2017 uma música composta aos 17 anos. Desde então, já compôs mais de 60 músicas, algumas das quais disponíveis na plataforma Spotify. Com Cadica desde 2019, canta ao vivo em diversas apresentações e afirma: “depois de começar minhas atividades artísticas, melhorei de comorbidades, não tomo remédios, emagreci mais de 20 quilos e procuro viver a vida sempre querendo o melhor. Quando me levanto, dou um sorriso no espelho e segue o baile.”

Por outro lado, os desafios quanto à acessibilidade física também não passam despercebidos. Costa observa constantemente a necessidade de mais cadeiras tanto nos camarins, para que as alunas com mais idade possam colocar os sapatos de dança e inclusive os figurinos, quanto nas próprias salas de ensaio das escolas de dança, para que possam sentar-se e descansar um pouco durante a aula. Assim como Grossi, destaca a dificuldade para subir e descer os degraus do palco e os pisos geralmente escorregadios em diversas partes dos teatros.

Figura 2 – Cadica Costa no espetáculo *Alma que Baila* (2024).



Fonte: arquivo pessoal da artista. Foto de Fábio Zambom.

Esses relatos evidenciam o fato de que, embora haja um acesso à prática do teatro e da dança, que se expande cada vez mais como uma opção de saúde e convivência, desdobrando-se em impactos positivos tanto em termos individuais quanto sociais, essa realidade não está sendo acompanhada pela acessibilidade física ao local em que habitualmente culmina essa prática. As aulas e vivências de teatro e dança podem ser realizadas nos mais diversos lugares. Porém, a possibilidade de pisar em um palco costuma ser uma vivência muito almejada pelas pessoas que buscam a expressividade através das artes cênicas, sendo também o lugar através do qual o trabalho pode ser exibido e multiplicado. A formação desses grupos artísticos adquire um caráter funcional de auxílio motor, cognitivo e/ou emocional, no qual o teatro e a dança passam a ser entendidos como Tecnologias Assistivas, qualidade que potencializa as já reconhecidas características de integração, construção individual e socialização dessas atividades.

Considerando-se as especificidades apresentadas pelo idoso, com ou sem deficiência, atualmente se discute na sociedade a utilização de ferramentas que proporcionem habilidades funcionais e promovam uma vida independente e com inclusão social, sendo essas representadas pela Tecnologia Assistiva (TA) (Leite et. al, 2018, p. 2).

As duas diretoras, embora com grande experiência nas artes cênicas, buscam atualmente espaços através dos quais compartilhar “passos e passados” com outras pessoas, independentemente de suas origens profissionais e realidades corporais, bem como novas maneiras de estar em movimento. Criam-se, assim, novos olhares e existências externas e internas, em uma prática política que reconfigura os marcos estabelecidos que definem o que é comum, rompendo “a evidência sensível da ordem natural que destina aos indivíduos e grupos o comando da obediência, a vida pública e privada, assinalando-lhes desde

o início tal ou qual tipo de espaço ou de tempo, tal maneira de ser, ver e dizer (tradução nossa)”³ (Rancière, 2010, p. 61-62).

Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo analisar narrativas de pessoas idosas que estão em cena, relacionando-as com as Tecnologias Assistivas no teatro. Assim, as propostas vivenciadas e narradas no decorrer desta pesquisa demonstram um movimento de inclusão das pessoas idosas nos fazeres cênicos, porém, a acessibilidade física ainda é um desafio na maioria dos espaços cênicos tradicionais. Também foi possível perceber que é necessário olhar de uma forma mais minuciosa para o espaço físico das artes cênicas com o propósito de desenvolver Tecnologias Assistivas específicas para essa área, de modo que as pessoas idosas possam sentir-se seguras no palco. A implementação das Tecnologias Assistivas não beneficia, entretanto, somente esse grupo. Infelizmente, não há muitos estudos que contemplem com profundidade a necessidade de rampas, escadas ou corrimãos, o que fragiliza os espaços para pessoas idosas ou com deficiência. As TA podem ser simples, como mais cadeiras ou pisos antiderrapantes, ou sofisticadas como alguns dos sistemas automatizados anteriormente comentados, mas é fundamental refletir sobre a importância de sua implementação juntamente com a oferta da prática artística.

As atividades teatrais desenvolvidas pelas entrevistadas refletem novas realidades que estão demandando outros tipos de respostas e organizações sociais destinadas a pessoas idosas, aposentadas ou não, que continuam atuando e participando na sociedade. Tais atividades, embora destinadas a um grupo social específico, torna visível a urgência da acessibilidade, dado que beneficia outros grupos, permitindo que pratiquem arte de forma adequada à sua realidade, e não infantilizada. Rodrigues (2002) propõe a reflexão sobre o envelhecimento como um processo não de declínio, mas sim de desenvolvimento, sendo um transcurso próprio de cada uma das etapas da vida – e, aqui, esse desenvolvimento acabaria transcendendo a velhice ao reverberar em ganhos para o conjunto da sociedade.

Portanto, investir nas TA é um passo essencial para que o teatro seja um espaço de criação livre e segura para todos os corpos e idades, combatendo a exclusão velada e promovendo uma prática cênica verdadeiramente plural e inovadora. A inclusão do passado leva a novos passos na construção do futuro.

Referências

ANTÓNIO, Manuel. Envelhecimento ativo e a indústria da perfeição. *Saúde Soc.* São Paulo, v. 29, n. 1, 2020. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/x7hNN9DNMzS99hWB-MDhKxgJ/?format=pdf&lang=pt> > . Acesso em 21 ago. 2025.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOAL, Augusto. *200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982

_____. *O arco-íris do desejo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

3 “(...) la evidencia sensible del orden ‘natural’ que destina a los individuos y los grupos al comando o la obediencia, a la vida pública o la vida privada, asignándolos desde el principio tal o cual tipo de espacio o de tiempo, a tal manera de ser, de ver, de decir”.

BARROSO, Eloísa. Reflexões sobre a velhice: identidades possíveis no processo de envelhecimento na contemporaneidade. *História Oral*, v. 24, n. 1, p. 9-27, jan./jun. 2021.

BRASIL. *Lei Brasileira de Inclusão, 13.146 de julho de 2015*. 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-pessoa-com-deficiencia/faq/o-que-e-tecnologia-assistiva> >. Acesso em 19 ago. 2025.

FIGUEIREDO, Laura Maria. et al. Uma encenação de ópera e a audiodescrição da iluminação cênica. *Arte e Cultura: Expressões culturais, narrativas visuais e performáticas*, 2025. Disponível em: < <https://atenaeditora.com.br/catalogo/download-post/95875> >. Acesso em 21 ago. 2025.

LEITE, Eliane et. al. Tecnologia assistiva e envelhecimento ativo segundo profissionais atuantes em grupos de convivência. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 52, 2018. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/Qb89hPtNgF3jc3krDqCdXSN/?lang=pt> >. Acesso em 09 ago. 2025.

OLIVEIRA, Camila Dias de e MILL, Gabriel. Acessibilidade, inclusão e tecnologia assistiva: um estudo bibliométrico. *RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 11, n. 3, p.1169-1183, 2016. Disponível em: < <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8194> >. Acesso em 01 set. 2025.

PINHEIRO, Breno et al. Estratégias e adaptações para promover a inclusão de pessoas com deficiência na dança. *I INOVAEDUC: Inovação, Educação e Sustentabilidade Social no Vale do Salgado*, v. 6 n. 2, jun. 2024. Disponível em: < <https://rec.univs.edu.br/index.php/rec/article/view/400> >. Acesso em 21 ago. 2025.

PORTELI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, [S. l.], v. 15, 2012. Disponível em: < <https://scispace.com/pdf/tentando-aprender-um-pouquinho-algumas-reflexoes-sobre-a-rformcpyl7.pdf> >. Acesso em: 30 ago. 25.

RANCIÈRE, Jacques. *El espectador emancipado*. Buenos Aires: Manantial, 2010.

RODRIGUES, Minéia Carvalho. Envelhecimento: uma concepção do desenvolvimento como inacabado. *Ver. Bras. Cresc. Desenv. Hum.*, São Paulo, v. 12, n. 1, jun. 2002. Disponível em: < <https://revistas.usp.br/jhgd/article/view/39687> >. Acesso em 10 set. 2025.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 15, n.1, p. 155-168, jan.- mar. 2008. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/kM6LLdqGLtgqpggJT5hQRCy/?format=pdf&lang=pt> >. Acesso em 21 ago. 2025.

SIQUEIRA, C. L. de O., & MARTINS, J. B. (2019). Envelhecimento Ativo em Questão - Reflexões a partir de uma Oficina de Teatro com Pessoas Idosas. *Revista Kairós-Gerontologia*, São Paulo, v.22, n.3, p. 153–174, set. 2019 . Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/47171> >. Acesso em 2 ago. 2025

SOUSA, Afonso. *Inclusão em cena: acessibilidade para artistas e públicos com deficiência no teatro em Portugal*. 2023. 105 f. Mestrado (Dissertação), Escola Superior de Teatro

e Cinema, Portugal. Disponível em: < <https://repositorio.ipl.pt/entities/publication/c1baac-33-68dd-4641-bff0-2e8ea4ea1abf> >. Acesso em 21 ago. 2025.

TÓTORA, Silvana. Corpo, cuidado de si e envelhecimento. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009. Disponível em: < <https://cdsa.aacademica.org/000-062/2159> >. pdf Acesso em 27 ago. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Envelhecimento ativo*: uma política de saúde. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005 Disponível em: < https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf >. Acesso em 21 ago . 2025.

Recebido: 11/09/2025

Aceito: 01/12/2025

Aprovado para publicação: 15/12/2025

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International. Disponible sur: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.